

# HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DE SURDOS EM ARACAJU: NINOTA GARCIA

Luciane Cristina da Silva<sup>1</sup>  
Daniele Rosendo dos Santos<sup>2</sup>  
Daniella de Jesus Lima<sup>3</sup>  
Marilene Batista da Cruz Nascimento<sup>4</sup>

Letras Português



ISSN IMPRESSO 1980-1785  
ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

## RESUMO

O artigo a seguir aborda a inclusão de pessoas surdas na educação e como se deu esse processo no município de Aracaju, inserindo como disciplina curricular Língua Brasileira de Sinais (Libras). Com isso, têm-se como objetivos: descrever como funcionava a educação dos surdos dentro do Ninota Garcia, bem como identificar a importância desse centro nessa área da educação em Aracaju, e também relacionar as dificuldades e os problemas enfrentados pelo Ninota Garcia. Para elucidar reflexões acerca disso, foi feita uma pesquisa bibliográfica, tomando como base o tema em questão. Além disso, foi realizada uma pesquisa sobre o Decreto nº 5.626, de dezembro de 2005. Regulamento da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais. Em Aracaju, não existia uma escola voltada para pessoas com necessidades especiais, até a década de 1950, quando então foi instituída a escola para cegos, que funcionou no Serviço de Assistência a Mendicância (SAME). Depois da desativação dessa escola os cegos ficaram sem atendimento até a fundação do Centro de Reabilitação Ninota Garcia. Fundado em 1962, o Ninota Garcia funcionou como escola para surdos, cegos, deficientes mentais e motores. O Centro de Reabilitação foi o pioneiro na educação especial no estado de Sergipe e o terceiro no país.

## PALAVRAS-CHAVE

Educação de Surdos. Centro de Reabilitação. Ninota Garcia.

The following article discusses the inclusion of deaf people in education and how this process took place in the city of Aracaju, entering as a curricular subject Libras (Brazilian Sign Language). With that, have the following objectives: to describe how it worked in deaf education in Ninota Garcia, as well as identifying the importance of this center in the area of education in Aracaju, and also relate the difficulties and problems faced by Ninota Garcia. To elucidate reflections about it, a bibliographic search was performed using as a base the theme in question. In addition, we made a research on the Decree No. 5626, December 2005. Regulation of Law No. 10.436, of April 24, 2002, which provides for the Brazilian Sign Language - Libras. In Aracaju, there was a school geared towards people with special needs, until the 1950s, when it was established the school for the blind, who worked in the Begging Assistance Service (SAME). After disabling this school the blind were without service until the founding of the Center for Rehabilitation Ninota Garcia. Founded in 1962, the Ninota Garcia worked as a school for the deaf, blind, mentally disabled and engines. The Rehabilitation Center has been a pioneer in special education in the state of Sergipe and third in the country.

## **KEYWORDS**

Deaf Education. Rehabilitation Center. Ninota Garcia.

## **1 INTRODUÇÃO**

O presente estudo aborda a inclusão de pessoas surdas na educação e como se deu esse processo no município de Aracaju, em consonância com o Decreto Federal nº5626/05, em seu artigo 14, inciso V, que regulamenta a Lei nº10.436/02, instituindo a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Segundo esse decreto, Libras precisa ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério e de fonoaudiologia, das instituições de ensino públicas e privadas, pelo sistema federal de ensino, sendo optativa, nos demais cursos superiores.

De acordo com o artigo 4º dessa lei, a formação dos docentes para o ensino de Libras nas séries finais do Ensino Fundamental, Médio e na Educação Superior, deve ser realizada em nível superior, nos cursos de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/ Língua Portuguesa como segunda língua.

Em Aracaju não existia uma escola voltada para pessoas com necessidades especiais, até a década de 1950, quando então foi instituída a escola para cegos, que funcionou no Serviço de Assistência a Mendicância (SAME). Essa instituição foi fundada pela igreja Católica, por meio do bispo D. Fernando Gomes, sendo a primeira iniciativa sistemática na educação do deficiente nesta cidade. Depois da desativação dessa escola os cegos ficaram sem atendimento até a fundação do Centro de Reabilitação Ninota Garcia.

Fundado em 1962, pela família Garcia, o Ninota funcionou como escola para surdos, cegos, deficientes mentais e motores. Segundo Leite (1953), os deficientes auditivos, também considerados deficientes mentais, estavam entregues aos psiquiatras e não aos edu-

cadores, sofrendo as consequências desse estigma. O Centro de Reabilitação foi o pioneiro na educação especial no estado de Sergipe e o terceiro do país. Dentro desse contexto, questiona-se: como funcionava a educação dos surdos no Ninota Garcia? Qual a formação dos docentes que atuaram nessa escola? Quais foram as dificuldades enfrentadas que levaram ao fechamento da escola de surdos dessa instituição? O que o Ninota se tornou?

Nesse sentido esta pesquisa tem como objetivos: a) descrever como funcionava a educação dos surdos dentro do Ninota Garcia; b) identificar a importância desse centro nessa área da educação em Aracaju; c) relacionar as dificuldades e os problemas enfrentados pelo Ninota.

Justifica-se esse trabalho pela importância de se conhecer a história dessa instituição, visto ter sido tão admirada no cenário educacional especial do nosso estado, pois antes da fundação do Ninota Garcia, a educação dos surdos não existia. Acreditava-se que os mesmos eram incapazes de aprender, logo não eram nem mesmos alfabetizados.

De acordo com documentos encontrados no Arquivo Geral do Judiciário de Sergipe, naquela época, os surdos de Aracaju ficavam recolhidos às instâncias domésticas, aparecendo apenas nos processos de interdição e curatela. Eles eram reconhecidos pela Justiça e pela Medicina como idiotas, imbecis, incapacitados para o exercício de seus direitos.

Isso direcionou o nosso olhar para essa parcela da sociedade tão marginalizada e outrora esquecida pelo sistema de educação do estado, como, também, por interesse no processo de ensino desses alunos. Além disso, esse estudo contribui para o aprendizado da história educacional dos deficientes auditivos em Aracaju.

A metodologia baseou-se na busca de artigos científicos na base de dados Google scholar, utilizando as seguintes palavras-chaves: educação de surdos, história da educação dos surdos em Sergipe, Centro de Reabilitação Ninota Garcia. Foram encontrados 10 artigos e selecionados 02. Também, foram pesquisadas fontes na biblioteca da Universidade Tiradentes, Campos Centro.

## **2 NINOTA GARCIA: BREVE HISTÓRICO**

No início da década de 1960, Aracaju passava por uma grande modernização com a inauguração do Hotel Palace, obra monumental, orgulho de muitos Sergipanos. O panorama educacional nessa época começava com o funcionamento da Rádio Cultura de Sergipe, que tinha uma programação voltada para a cultura e educação, em especial da população rural.

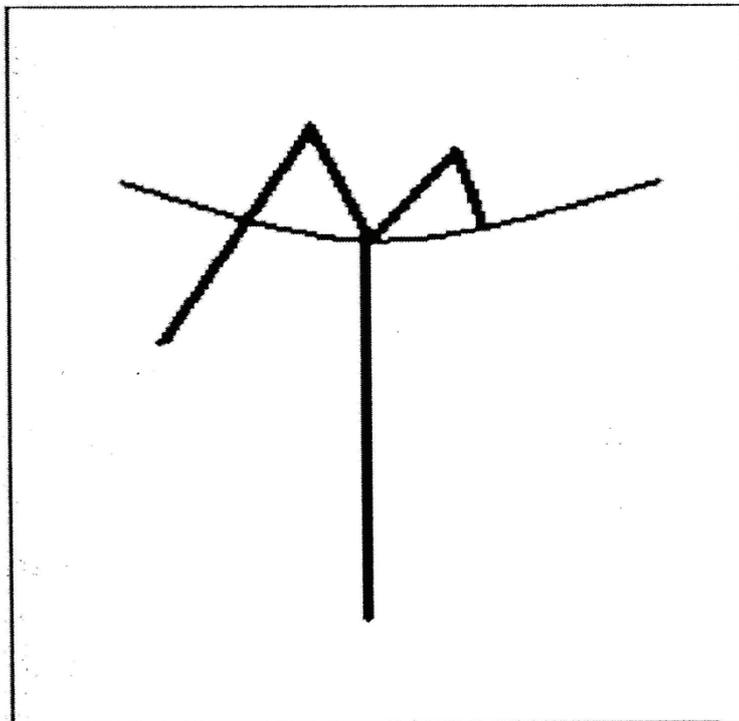
Através dessa Rádio, o bispo Dom José Vicente Távora assumiu o Movimento de Educação de Base (MEB), que tinha apoio do Governo Federal. Foi o MEB quem doou à população do campo rádios que sintonizavam uma só emissora, onde recebiam aulas por monitores treinados, desenvolvendo ao mesmo tempo ensino presencial e a distância. Entretanto, percebe-se que diante desse avanço o atendimento educacional aos deficientes auditivos passou despercebido. Apesar de alguns projetos defenderem a criação de classes especiais e escolas para deficientes, nada foi feito em relação a essa parte da sociedade.

Por volta da década de 1950 foi criada a primeira iniciativa sistemática na educação

178 | especial em Aracaju, a escola para cegos, que funcionou no serviço de assistência Gomes e presidida pelo Coronel Max Ribeiro. Logo após a morte da professora Maria Helena Barros, também deficiente visual, ocorre sua desativação com a justificativa para adaptação daquele que seria o Centro de Reabilitação Ninota Garcia.

Em junho de 1962, dentre as obras do Governador Luiz Garcia, está o referido Centro, juntamente com o Hotel Palace, ambos divulgados através do Jornal de Aracaju. O Ninota foi uma instituição dirigida pela própria família Garcia, mantida por meio de convênios com a Secretaria de Educação Cultural e Saúde (SECS) e doações da União Sergipana de Assistência (USA). Esta que por sua vez era responsável por uma contribuição financeira mensal, além dos recursos obtidos com doações, campanhas, taxas de inscrições ou pela venda de produtos feitos por seus alunos, mestres e simpatizantes.

Percebe-se nesta pesquisa que entre os alunos e funcionários do Ninota há surpreendente valorização do símbolo dessa instituição, formado por três linhas: uma reta, uma curva e outra quebrada como mostra a figura:



A linha reta simbolizava os sãos, a curva os deficitários recuperáveis e a linha quebrada os irrecuperáveis de seus defeitos físicos, porém ajustáveis nas suas potencialidades restantes. Juntas, as linhas representam o convívio social numa distribuição de posição e forças que assegure um perfeito equilíbrio. Dispostos estão em ofertório, para cima, melhor direi para o alto, ou, mais precisamente, para DEUS (SOUZA apud GARCIA FILHO, 1966, p. 57).

A inauguração do Ninota ocorreu no dia 24 de junho de 1962, sendo bastante divulgado na imprensa local. Ele surge com os principais objetivos: recuperar os deficientes físicos atingidos pelas sequelas da paralisia infantil; educar os deficitários físicos, cegos e surdos-mudos; manter escolas de cursos profissionalizantes; promover meios de reeducação social e reemprego para os deficitários reabilitados; e promover educação pré-primária aos deficientes.

Essa instituição consistiu numa iniciativa avançada para aquela época, recebendo elogios de importantes figuras no cenário nacional, como Dr. Fernando Novoa, diretor do Instituto Baiano de Reabilitação, que foi convidado para inauguração. Além de auferir menções honrosas da Câmara de Vereadores e da Assembleia Legislativa em Aracaju. Segundo Souza (2007), o Centro recebeu esse nome devido uma homenagem à esposa do Governador Luiz Garcia, que se chamava Maria Emília Garcia, mas, ficou conhecida como Ninota Garcia.

Por meio da Campanha para a Educação do Surdo Brasileiro (CESB), na segunda metade da década de 1950, durante a gestão da professora Ana Rímoli de Faria Dória, do Instituto Nacional de Surdos (INES), foi implantado o primeiro curso de professores de surdos do Brasil. O curso tinha a duração de três anos e era equivalente ao curso de nível médio, funcionando em regime de externato para os residentes no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e em regime de internato para alunos de outros estados. Ana Rímoli descreve como deve ser um professor de surdos:

Ele precisa ter uma boa saúde: pulmões sadios que lhe permitam boa respiração (quase atlética) para falar sempre com a voz clara e sonora em tom normal. Não deverá falar baixo porque, então se exageram alteram-se os movimentos da boca perdendo a naturalidade; deve possuir flexibilidade muscular, excelente e simpático. Moralmente falando, a alegria, o bom humor, a prática, a imaginação ardente, a vivacidade cerebral, a consciência profissional, o entusiasmo, a autoridade, o tato e a bondade; uma sólida cultura geral; boa memória e a grande facilidade de expressão constituem elementos preponderantes na personalidade daquele que ensina dominando a psicologia da criança, não deverá dispensar os conhecimentos musicais (SOUZA apud DÓRIA, 1958, p. 164).

Em Sergipe, cinco professoras foram fazer o curso do INES em 1960, com bolsas de estudo da Secretaria de Educação do Estado de Sergipe. Dessas cinco, apenas três lecionaram no Centro de Reabilitação Ninota Garcia: Ieda Garcia de Melo, Maria Gilva de Oliveira e Iracema Moura Santos. Quanto às demais, Odete Feitosa e Lenira, fizeram o curso, mas nunca se envolveram com os surdos. Sobre a formação profissional, a professora Ieda Garcia Melo relata:

Chegamos ao Rio em fevereiro de 1960. Ficamos hospedadas no próprio INES [...]. O Rio naquele tempo não era violento [...], tinha colegas do Amazonas ao Rio Grande do Sul. Terminamos o curso em dezembro de 1961. Estudei Prática de Ensino, Psicologia, Metodologia, Educação Física e a anatomia do ouvido. Tínhamos também, aulas de música, onde aprendemos impostação de voz. As aulas teóricas eram dadas no período da manhã e as aulas práticas com os surdos eram dadas à tarde (SOUZA, 2005, p. 131).

Sobre informações recebidas no INES, outra docente, Heloisa Aragão, comenta que:

Fiz o curso no Rio de Janeiro. Eu morava num pensionato, em Botafogo. Todas as manhãs nós tínhamos aulas e a tarde íamos trabalhar com os surdos. Estudei as disciplinas Logopedia, Foniatria, Português, Psicologia, Audiometria e... Não lembro mais. Eu tinha cuidado para não fazer mímica, se a professora Odete Rímoli pegasse, retirava ponto (SOUZA, 2004, p. 131).

A diretora do INES, Ana Rímoli, fez um amplo trabalho de divulgação do método oral, orientando professores e pais de crianças surdas. O hino ao Surdo Brasileiro, composto por ela e Astério de Campos, demonstra o ufanismo pelo método oral:

Em nossa Pátria queremos  
 Dos surdos à redenção  
 Aos surdos todos levamos  
 As luzes da educação  
 Não mais o ensino antiquado  
 Nos simples dedos das mãos;  
 Com um processo avançado  
 Salvemos nosso irmão!  
 Oh! Felizes os que aprendem,  
 Na esperança do Porvir!  
 Os surdos não falta a Voz.  
 Avante, Mestres, Avante!  
 Com orgulho prazenteiro,  
 Lutemos, a todo instante  
 Pelo surdo brasileiro!  
 Oh! Felizes os que aprendem,  
 Sem poderem mesmo ouvir;  
 Com os olhos a fala entendem;  
 Na esperança do porvir.  
 (SOARES, 1999, p. 73-74)

A educadora Ieda Garcia informa que o hino ao Surdo Brasileiro era cantado todos os dias pelas professoras que faziam curso INES. Esse entusiasmo com relação à educação do surdo (como aprendizagem da língua oral), era mostrado no hino, que chegou até Aracaju.

### 3 EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO NINOTA GARCIA

Segundo Souza (2007), a maneira de dar aulas aos surdos foi a mesma do século XIX, adotada pelo professor de linguagem articulada, Menezes Vieira. Ela utilizava fichas com figuras, possibilitando uma melhor compreensão da fala. Para os deficientes perceberem as vibrações das cordas vocais, uma de suas mãos era colocada no pescoço do docente, no momento da fala.

Do mesmo modo, as professoras do Ninota procediam, como também apresentavam gravuras e ensinavam a pronúncia dos vocábulos simples aos mais complexos. Esse ensino da palavra articulada era ministrado pela leitura labial, como se descreve a seguir:

O mudo aprende as primeiras letras, a ler nos lábios, a escrever, a fazer as operações fundamentais, a desenhar, a compreender a língua pátria, a iniciar-se nas artes, e, o que mais impressiona, é aprender a falar, emitindo sons que jamais ouviu, sons artificiais adquiridos com método, disciplina e paciência (SOUZA apud GARCIA FILHO, 1966, p. 134).

A professora Heloisa Aragão comenta que diariamente todos os alunos faziam exercícios de foniatría, soprando lápis deitados na carteira ou com bolas de borracha para exercitar os pulmões. Ela não usava mímica, pois dizia que tinha muitos recursos didáticos (SOUZA, 2005).

Em Aracaju, esse processo de ensino foi avaliado como satisfatório, pois segundo o jornal "A Cruzada" (1962), os alunos do Centro, sob orientação das professoras, estavam pronunciando palavras e indicavam que logo poderiam manter regular conversação usando a própria voz como se fossem fisicamente normais.

No Hino ao Surdo Brasileiro, a professora Ana Rímoli, refere-se à educação por meio de sinais como antiquada e Antônio Garcia assegurava que os sinais dos dedos das mãos, modernamente em desuso, viciam e não reabilitam os deficientes auditivos, além de exigirem dos sãos total domínio (SOUZA, 2007). Todavia, apesar da educação dos surdos ser totalmente oralizada, quando eles saiam das aulas começavam a sinalizar para se comunicarem.

A escola de surdos do Ninota Garcia compreendia o pré-primário (educação infantil) a primeira e a segunda série do primário (ensino fundamental). Nos programas curriculares constavam: linguagem, conhecimentos gerais, orientação metodológica, compreensão da fala, matemática e treinamento da fala.

Segundo Souza (2007) no treinamento da fala, os surdos desenvolviam as seguintes atividades: exercícios de desenvolvimento mental, atividade fonorespiratórias como preparação para as lições de fala, atividades preparatórias complementares, vocalização das vogais a-e-i-o-u (atenção para a qualidade da voz), estudo dos fonemas em pequenas expressões com articulação adequada dos fonemas p-v-t-b-m-l-f-s, ritmo das palavras estudadas e ritmo e entonação das frases (da ilustração e fala com gráficos aos sons).

Chama-se atenção ao fato da classe do pré-primário, desse Centro, sempre funcionar com crianças consideradas normais, ao lado daquelas que apresentavam necessidades educacionais especiais. As turmas dos surdos eram formadas considerando as seguintes faixas etárias: alunos de 8 a 12, 13 a 16 e 17 a 43 anos.

A educação dos surdos não era vista como um direito, mas sim, como ato de redenção, pois deveria salvá-los, tornando-os ouvintes e falantes. Percebe-se isto no trecho do livro "A reabilitação em Sergipe" do autor Antônio Garcia:

[...]  
 Os mudos falam  
 Os surdos ouvem  
 Os coxos andam  
 Os cegos veem  
 Não como um milagre ou passe de mágica.  
 Porém com o esforço cotidiano e a paciência, a ciência e o labor, a técnica e a persistência (GARCIA FILHO, 1966, p. 11).

Apesar de Antônio Garcia ser favorável ao ensino exclusivo da língua oral, em 1970, admitiu como professora de artes, a surda Maria Aparecida Nascimento Santos, que introduziu o ensino da língua de sinais, libras, na Escola de Surdos do Ninota, alternando com o aprendizado da fala.

Embora todo o trabalho feito pela educação dos surdos nessa instituição, a escola dentre 18 anos de funcionamento, só havia estruturado apenas a educação infantil à segunda série do ensino fundamental. Por esse motivo os deficientes auditivos lá matriculados, tinham que permanecer na instituição mesmo quando adultos

#### 4 BREVE CONTEXTO ACERCA DO FECHAMENTO DA ESCOLA DE SURDOS DO NINOTA GARCIA

O Centro de Reabilitação Ninota Garcia começa a enfrentar problemas, devido à crise que se inicia no país, tornando-se crítica nos anos de 1974-1979, já que funcionava como fundação mantida especialmente por recursos públicos.

A vida política em Sergipe e no Brasil transcorria reprimida com a mão de ferro, marcada por acirradas discriminações ideológicas, denúncias e perseguições, algumas delas, pessoais dos privilegiados pela confiança e atenção dos militares. Foi no governo do General Emílio Garrastazu Médici (1969-1974) que o país experimentou uma breve euforia econômica. Militares, tecnocratas, multinacionais, banqueiros e setores da classe média, viveram o chamado "milagre econômico", com índices de crescimento do produto interno bruto (PIB) em torno de 11% (SOUZA, 2007, p. 146).

O ex-governador Luiz Garcia foi eleito deputado federal, também como três deputados do seu partido, a Aliança Renovadora Nacional (ARENA). Atuantes no Congresso Nacional garantiam as verbas para o Ninota. No ano de 1974, Luiz Garcia é derrotado nas eleições e com a perda do poder político o Centro deixa de receber verbas.

Foi quando Eduardo Garcia, filho de Antônio Garcia, Secretário de Educação e primeiro diretor desse Centro, junto com seu primo Gilton Garcia, filho de Luiz Garcia, na época governador, começam uma disputa pela direção da instituição. Com toda essa contenda, Eduardo decide fazer o levantamento financeiro da mesma e entregou as chaves a seu primo Gilton Garcia. Com relação a isso ele comenta:

O centro foi a paixão do meu pai. Era o terceiro maior do país. Só perdia para o Sara e para o Centro de Reabilitação da Bahia. Com as divergências familiares, por causa de questões de política partidária, perdemos o encanto. As torneiras financeiras se fecharam. Então fizemos um inventário de tudo; até parafusos nós contamos. Registramos tudo em cartório e entregamos as chaves do centro. (SOUZA, 2005, p. 127).

Depois disso, o Centro de Reabilitação Ninota Garcia passou a ser dirigido por Maria Helena Garcia sendo a última diretora da instituição, que enfrentou grandes contratemplos. Segundo relatos de ex-funcionárias, o centro começou com as dificuldades a partir da saída de professores especializados e admissão de outros, sem habilitações, para a prática de ensino aos surdos. Trabalhava-se, também, com fisioterapia e como houve o surgimento de novas clínicas, os "clientes" foram em busca de outras especializações surgindo, assim, mais preocupações com o fim do Ninota. Sobre esse contexto Maria Helena comenta:

Os convênios ficaram escassos e foi faltando pessoal especializado, em virtude das aposentadorias e transferências, pois seus funcionários eram cedidos pelo governo do estado. Eu vivia angustiada, traumatizada. Quando as subvenções chegavam, o dinheiro já tinha sido corroído pela inflação e não dava quase nada. Até que chegaram ao "centro" as estagiárias de fisioterapia da Universidade Tiradentes. Aí eu tive a ideia de falar com professor Uchoa e o "centro" passou a ser dirigido por eles (SOUZA, 2005, p. 147).

Contudo, o propósito do Ninota chega ao fim no início da década de 1980, após quase 18 anos de atividades na educação especial em Sergipe, o Centro foi desativado. Atualmente, o prédio encontra-se aos cuidados da Universidade Tiradentes (Unit), sendo utilizado para atuação e prática do curso de Fisioterapia.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Centro de Reabilitação Ninota Garcia surgiu com intuito de suprir a falta de um sistema educacional voltado para atender os surdos em Sergipe. Dentro desse contexto, nota-se que os mesmos nessa época estavam fora da educação básica, não exercendo sua cidadania.

Observa-se que, apesar do Ninota ter contribuído com a inclusão dos deficientes auditivos na educação, o mesmo não alcançou êxito na formação educacional desses discentes, visto que a formação dos docentes era voltada ao aprendizado na língua oral.

Os surdos não conseguiram avançar nem mesmo nas séries iniciais do ensino fundamental, como não exerceram regular conversação com “pessoas normais”, que era a grande expectativa deste Centro.

Por conta de disputas política interna, a instituição perdeu seu principal objetivo, levando a sua desativação. Tomando-se hoje um espaço utilizado para atuação e prática do curso de Fisioterapia da Universidade Tiradentes (Unit).

Diante de dificuldades encontradas em achar fontes neste estudo, notou-se a necessidade de se fazer uma pesquisa mais aprofundada desse tema, como também de pesquisadores, no âmbito acadêmico, que se interesse mais em abordar essa problemática.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Decreto nº 5.626**, de dezembro de 2005. Regulamento da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da lei 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/civil\\_03/\\_ato2004-2006/Decreto/D5626.htm#art1](http://www.planalto.gov.br/civil_03/_ato2004-2006/Decreto/D5626.htm#art1)>.

Acesso em: 20 set. 2010.

GARCIA FILHO, Antônio. **A reabilitação em Sergipe**. Aracaju: Gráfica Aracaju, 1966, p. 11.

SOUZA, Verônica dos Reis Mariano. **A educação dos surdos em Aracaju**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007, p. 111.

SOUZA, Rita de Cássia Carvalho. **Educação especial em Sergipe: uma trajetória de descaso, leitões, dores e conquistas**. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2005.

---

**Recebido em:** 4 de abril de 2013

**Avaliado em:** 3 de julho de 2013

**Aceito em:** 5 de agosto de 2013

---

- 1 Acadêmica em Letras Português pela Universidade Tiradentes (UNIT). Campus Centro – Aracaju. E-mail: lucicristina\_silva@yahoo.com.br.
- 2 Acadêmica em Letras Português pela Universidade Tiradentes (UNIT). Campus Centro – Aracaju. E-mail: danny-rosendo@hotmail.com.
- 3 Acadêmica em Letras Português pela Universidade Tiradentes (UNIT). Campus Centro – Aracaju. Pós-graduanda em Linguagem e Ensino da Língua Portuguesa pela Faculdade São Luís de França. E-mail: daniellalima90@gmail.com.
- 4 Doutoranda pelo Doutorado Interinstitucional em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (2012). Mestre em Educação pela Universidade Tiradentes (2011), possui pós-graduação lato sensu em Psicopedagogia pela FANESE (2004) e graduação em Pedagogia pela Pio Décimo (2001). Atua como professora da Universidade Tiradentes (UNIT), pedagoga na Escola Estadual Senador Leite Neto, facilitadora de cursos e oficinas na área de Educação e docente de pós-graduação.

Artigo científico resultante de atividade realizada na disciplina Práticas Investigativas I do curso de Letras da Universidade Tiradentes (UNIT).